

Mar... Mares... e Navios

Inspeção... ao Hélice...

Navegamos rumo a Africa.

Mais propriamente para Luanda, Lobito e Moçâmedes.

Logo na 2.^a noite, a bordo, as "*Pombinhas da Catrina*", aguardavam ardentemente participar no primeiro baile efectuado a bordo do paquete AMÉLIA DE MELLO, também conhecido pelo AMÉLIA do...

Recordo-me do "*meu*" 2.^o Oficial me dizer, com alguma ironia, que a este baile, não tínhamos acesso, dado que se realizava numa sala, "*Luanda*", que estava interdita a Oficiais com menos de 3 galões.

Fiquei danado com tal informação. Já me tinha esquecido do *enjoo*, e estava pronto para "dar ao pé".

Recordo-me que o Moita, e o Benvindo, também não ficaram lá muito satisfeitos.

Dos habituais interditos, só o Rogério Lemos, naquela viagem, tinha acesso aquela parte do navio, porque passara a 1.^o Oficial.

Chegou-se a pensar em solidariedade. Também se pensou em boicote, quando fossem efectuados convites de cortesia, para fazer face ao grande afluxo de passageiros nas próximas festas. Mas nada!

Na hora da verdade já estava tudo esquecido, e a força do *querer* era suplantada pela força do *poder*...

Estamos em 1969. Já há descontentamento ao nível dos Oficiais, pela segregação de que estavam a ser alvo.

Parece que os estou a ver! Sim, os Oficiais com 3 e mais galões.

Figuras esbeltas da nossa elite de Oficialato. Primavam pelo aprumo, pela elegância e sobretudo pela sua presença arrogante.

As suas fardas imaculadamente alinhadas, engomadas naquela *maldita e pestilenta lavandaria*, sempre a cheirar a cloro, quente que nem um forno, apesar da sua forte ventilação.

Estou a lembrar-me do SOUSA, velho lavadeiro e seus (2) ajudantes, que resmungava sempre que lhe pedíamos, para apressar uma peça de roupa. "*Mauzinho*". Fazia de propósito.

Não gostava dos "TRANCAS", nem um pouco. Fazia mesmo de propósito; ainda ontem, lhe havia pedido para me lavar um par de calças, pois que iria ao cinema. E não lavou.

Fiquei "*danado*".

Quando cheguei ao pé do 2.º VELOSO, fiz-lhe queixa do SOUSA.

O 2.º ouviu...ouviu... E depois disse:

Esse "AMIGO", não te tratou das calças?

Ai! O filho da Mãe. Vamos lixá-lo!

Logo, quando entrarmos de quarto, vamos pô-lo de "*bico aberto*".

Ai vamos, vamos. Disse o 2.º.

Como é que o Sr. 2.º vai pô-lo de "*bico aberto*"? Pergunto eu.

Deixa, diz o 2.º, antes de irmos para baixo vais lá perguntar outra vez pelas calças. Ok?

Fiquei a matutar naquilo.

Mas se o 2.º dizia que o "TIPO" ia "*passar-se dos carretos*", eu acreditei.

Fiquei ansioso para ver o que ia acontecer.

A farra na sala "Luanda" não parava. REGINALDO LUZ, o Engenheiro Chefe, passeava no corredor. Lá dentro os músicos davam minimamente o máximo do que sabiam e podiam.

Para nós era igual. Estávamos cá fora, sem poder entrar lá para o meio do barulho!...

Os senhores Oficiais "*não interditados*" rodopiavam, sorrindo, fazendo inveja aos "*mabecos*". Sim. Porque era assim que "*familiarmente*" tratavam os mais novos.

Mas a festa iria ter mau fim para alguns.

Mas como era que o 2.º ia colocar a malta da lavandaria de "*bico aberto*"?

Quando íamos para entrar de quarto, o 2.º, disse-me para me dirigir a lavandaria e perguntar pelas minhas calças.

Eu lá fui. E como seria de esperar, mais uma vez, o SOUSA, me mandou "*passear*".

Cheguei a casa da máquina e disse ao 2.º que o SOUSA da lavandaria, não tinha as minhas calças prontas, mas que as do praticante de comissário - que foram depois das minhas - estavam prontas e entregues.

Sim porque eu vi. Até estava lá, por coincidência, quando as foram entregar e quando as foram buscar!

Há!... Sim? Pois então, não deixes para amanhã o que podes fazer hoje.

Octacílio! (o electricista de quarto) vamos desligar a ventilação da lavandaria. "*O motor do ventilador está a fazer muito ruído e o térmico está a disparar*".

Deixa arrefecer um pouco o motor, para ser medido, e antes do quarto terminar, se estiver tudo bem, volta a ligar.

O IMEDIATO era um "*peneirento*". Convencera-se, que pelo facto de já não ser 1º Piloto, todo o navio era "*dele*". Mas enganava-se.

Enganava-se. Ele ainda não conhecia todos os cantos a casa. Mas ele pensava que sim.

Claro que Deus não dorme. E a água dos volantes foi toda para o "*paio! grande*". (mar).

Depois, quem pagou as favas foi o TRANCA, Eu, que tinha afectado as condições de estabilidade do navio durante o meu quarto. (turno).

Falso. O TRANCA, claro, nessa noite, ainda só tinha feito uma pequena "*Caldeirada*". (derrame de combustível). Mas daí a afectar as condições de estabilidade do navio, nem pensar!

Eu até nem sabia muito de estabilidade, quanto mais afectar aquilo que quase nem conhecia.

Puxa daqui. Puxa dacolá. O 2.º leu o papel. E lá estava escrito aquilo que foi feito.

O IMEDIATO pôs o pé na "*argola*" (falhou), e mandou a água de beber ao "*charco*". (mar).

Eu não dizia que ele não conhecia bem o navio?!

Mas DEUS não dorme. A sireia de alarme toca. Toca e não pára.

Acabou-se a festa na sala "Luanda". Bem feito. Já que não posso lá ir, eles também não vão gozar sozinhos até ao fim.

De repente. Tudo às escuras.

A Festa afinal ia começar. Ou melhor, tinha mudado de sitio. Da sala "Luanda" para a *casa da máquina*. E, eu estava lá.

O IMEDIATO e o SOUSA tinham-nos rogado uma praga.

O Moita e o Rogério Lemos foram os primeiros a chegar. Todos de branco. Estavam tão bonitos. Se estavam.

O Gerador de Porto já estava metido ao quadro. A luz reaparecera.

As turbos tinham "*saltado*" do quadro. As caldeiras estavam apagadas.

A "festa" tinha começado bem. Uns após outros, os Oficiais de Máquinas, trajados a rigor ou de cuecas, ali estavam na casa da máquina.

Algumas das "*imaculadas*" fardas lavadas e passadas pelo SOUSA e seus pupilos, passariam de Branco...branco... a branco salpicado de nafta, para sempre.

Falta de pressão de combustível no circuito de alimentação do sistema de queima, estava na base daquele "black-out". (tudo às escuras).

Mas esta praga, não ficaria por aqui. Outras sessões deste tipo nos estariam reservadas para um futuro não muito distante.

A festa acabou mesmo. Com ela o quarto também. A rapaziada foi-se embora. Pouco depois entrou o QUIM ROMÃO e o RUI.

O sono não tardou. Levámos uma "*esfrega*" das boas. Nem a **sopa do fogo** nos fez ir à messe nessa noite, tal não era o nosso cansaço.

Na manhã seguinte, depois de receber o quarto e durante a minha volta de rotina, paro em frente ao Bailey Meter.(sistema de controlo de queima das caldeiras). Olho para cima. E... zás...

Água quente pela cabeça abaixo!?!... Olho para todos os lados e nada.

Mas donde veio esta água?

Como acontecera aquilo? Estava que nem um "*pito*".

Subi a escada de acesso ao painel de manobras, mais ou menos na direcção, ao local donde a água poderia ter vindo. E nada. Tudo normal.

O 2.º, descontraído, escrevia ao mesmo tempo que assobiava.

O Octacílio de Moraes, o electricista, beneficiava um arrancador.

O Artífice Passos, debaixo de um "coqueiro", fumava o seu cigarro como se nada tivesse acontecido.

Olharam para mim. Viram-me todo "ensopado" e nem se quer reagiram. Era como se nada tivesse acontecido.

Dei meia volta, *pior que uma barata*, e lá fui para a casa das caldeiras; mas, pelo sim pelo não, passei de largo, quando me aproximei do "Bailey Meter".

O fogueiro JOÃO BONITO e o azeitador CASTANHEIRA, não podiam ter sido, até porque estavam perto de mim quando a água caiu!

Não. *Ali havia gato*. Tinha que estar a pau.

Palavras não eram pensadas, quando *novo mar de água*, mas desta vez *com leite condensado e serradura à mistura*, interrompiam os meus sonhos, e me deixavam novamente encharcado e pegajento como que uma pasta.

Corri que nem um "desalmado", escada acima. Nada outra vez. Eu deitava fogo. Estava que nem um "Cristo".

O mesmo cenário. Só que desta vez toda a "malta" se riu. Fiquei com figura de "pacóvio". Mas a "banhada" estava dada.

Tornei a descer à casa das caldeiras. Dirigi-me depois às frigoríficas, onde tentei remover a serradura e o leite condensado do corpo.

Não valeu de nada. Estava escrito que neste quarto, as banhadas, fariam parte do sumário. E, foram mais, 4, 5 ou 6. Eu não sei quantas.

A sopa do fogo estava divina... A "tora" (chouriça) tinha sido quase toda roubada. Diziam que tinha sido o QUIM ROMÃO que tinha dado ordens para a "gamar", enquanto apurava na panela.

Ainda bem que tinham tido o bom senso de deixar apaladar a sopa. Sim. Porque podiam ter tido roubado a "tora" antes de apaladar a sopa.

Só ainda não tinha percebido, porque é que *a sopa do fogo demorava quase 4 horas a fazer*. Era estranho. Haveria alguma razão para isso?

Acho que não.

O lanche não tinha sido nada mau. Dois tabuleiros com pasteis de nata, mesmo acabados de fazer. E até se podiam comer muitos, porque ninguém dizia nada.

la entrar outra vez de quarto. As "*banhadas*", que tinha apanhado no quarto anterior, não me saíam da mente. Como iria ser este próximo quarto?

Iríamos ver daqui a pouco.

O quarto nunca mais acabava. O 2.º havia-me mandado efectuar análises à água das caldeiras.

Quando acabei, o teor em cloretos ultrapassava tudo que era razoável.

O 2.º VELOSO, manda repetir, uma ,duas, três e mais...

A linha está salgada. Diz o 2.º.

Seu TRANCA, Eu claro. Tranca era comigo; é preciso saber por onde está a entrar água salgada na linha!

Eu não sei.

Então se não sabe, procure.

Repito as análises.

Quando vou verificar a bomba de Hidrazine, deparo com o Artífice PASSOS, com um pau, por fora do laboratório, e através da rede de vedação, a colocar algo no recipiente a amostra.

"Filho da mãe". Só depois percebi porque é que a linha estava salgada.

O "*malvado*" do Passos estava a colocar água salgada na amostra.

O quarto finalmente terminou.

O despenseiro SOUSA, "*Visconde Pernas de Rã*" (alcunha de bordo), havia revelado o "*segredo*" das comunicações internacionais a preço de **saldo**.

O primeiro a comunicar através de meio tão expedito, barato e como tal - confidencial - seria o JOÃO MOITA.

Assim, no camarote do "pernas de rã", através da linha de telefones internos, outros a seguir, também seriam "engatados". Eu dessa safei-me.

Autêntico saldo, estas "comunicações". Gozei que nem um perdido. Até um Delegado do Ministério Público, muito bem "engatado", falou para Lisboa, e por muito estranho que possa ter parecido, até falou mesmo com o "irmão". Então não falou!

Chegámos a Luanda. Que bonita cidade.

Terminou parcialmente o meu enjoo. Alguns dias, uns cinemas, umas compritas, e lá vamos de "rota batida" até ao Lobito.

Aqui, umas visitas a alguns familiares e amigos, mais uns cinemas, uns copos nocturnos, uns quantos quartos e de novo largada até Moçâmedes.

Tive que deslastrar os 2 BB/EB. O 2.º veio assistir à manobra. Não porque "não confiasse" no trabalho, mas sim porque o IMEDIATO, "deu de Cabra" comigo, por causa da água doce que se foi...

Pelo sim, pelo não, seria melhor que o "olho vivo" do 2.º confirmasse, para evitar problemas com a "estabilidade".

Chamam-me a reforço de manobras. O QUIM ROMÃO, não perdoava.

Que eu tinha que baixar sempre. E lá fui, 2 horas antes de chegarmos a Moçâmedes para mais uma entrada em Porto.

Quando o "meu" 2.º chegou, e após ter rendido o quarto, perguntou-me:

Eh... Pá!

Você sabe nadar?

Sim! Disse eu.

E acrescentei, desde que não seja preciso fazer mais do que 10 piscinas, não há problema.

10 Piscinas! Chega e sobra. Diz o 2.º.

Eh.. Passos! Tá ver? O TRANCA, afinal sabe nadar. Já temos substituto para si.

Esta viagem vai ser ele quem vai **inspeccionar o hélice**.

Sim, embora ele seja TRANCA, como exerce as funções de 3.º Oficial, e como tal, é a ele quem compete esta viagem inspeccionar o hélice.

Fiquei radiante com a escolha da minha pessoa para tão nobre e dignificante tarefa, até porque ia experimentar o meu novo fato de banho.

O quarto ainda estava longe de terminar.

O RUI da Figueira havia sido "*TOSQUIADO*". Não tinha conseguido escapar ao cerco que o QUIM ROMÃO lhe havia feito.

Outros estavam na calha. Eu seria um deles. Havia que resistir. E eu consegui.

Entretanto a factura deste "*sucesso*" iria começar a ser paga.

Em Moçâmedes, outro baile - agora na "*Sala Cabo Verde*", local a que já tínhamos acesso, com os mesmos músicos, estava animadíssimo e a rebentar pelas costuras.

Não se sabe o que tinha o Pianista JOSÉ LUIS. Mas o que é certo, é que estava inspirado, e o órgão nunca tinha tocado tão bem.

Whisky, misturado com muita água destilada fazia as delícias dos nossos "*patrícios*" portugueses em África. Também pelo preço, não se podia fazer melhor.

Também o que é certo, é que a água destilada era das melhores procedências, e a atestar tal, seria o gradual aumento do consumo viagem para viagem.

Se calhar as baterias do navio é que sofriam, por falta de água destilada de qualidade.

Numa mesa ao meu lado, o Comissário PINA ANTUNES, fuma em simultâneo duas cigarrilhas, uma a cada canto da boca, em pleno desafio aos TRANCAS, que haviam assinado vales em branco, para a viagem de estreia.

O JORGE LINDO, praticante de Comissário, dava umas batidas na Bateria do conjunto; ou seja, fazia gosto ao dedo, que no meio de tanta desafinação, *o rapaz até nem tocava nada mal*, diga-se.

Está na hora de entrar novamente de quarto. O 1.º Oficial ROGERIO LEMOS cruza-se connosco no corredor. Paramos a conversar um pouco, e o 2.º VELOSO, aproveita para dizer ao senhor 1.º, que eu, o - TRANCA - amanhã, vou inspeccionar o hélice.

O 1.º franziu o sobrolho dizendo: - Ah!...Amanhã?

Sim, amanhã. Digo eu, todo convencido.

O 1.º diz que está bem. Mas não deixa de recomendar para comer pouco ao almoço, por causa da digestão.

Lá fomos "de rota batida" até a casa da máquina. Ali chegado, já o PASSOS verificava as garrafas de oxigénio e a respectiva máscara.

O 2.º olha e diz-me. Eh..Pá! Já estão a preparar tudo para amanhã.

As garrafas de mergulhar estão bem carregadas? Pergunta o 2.º.

Responde o Passos. Tudo em ordem senhor 2.º.

Ok! Assim é que é.

O Moita passou-me o quarto. A água na cisterna apenas tinha 25 cm. O Vaporizador nr.2 estava salgado. (unidade que produz água potável, a partir da água do mar)

Estava feito.

Como havia farra, o Moita foi farrar...

Entretanto, nem tudo é mau. A ferramenta de "*calibrar as agulhas*" estava preparada.

Sem querermos, "*engatámos*" o marinheiro "*FAN - FAN*", homem experiente, bonacheirão, que viria a dar uma ajuda ao filho do SANTOS - motorista da casa, que viajava connosco, no seu período de férias escolares, e que estava a ser "engatado".

O "*desgraçado do puto*", carregou a chave da porca do hélice, em aço, ajudado pelo *FAN-FAN*, que mais fazia lembrar o Cristo, na via-sacra, rumo ao "Calvário".

E lá foram os dois a carregar a chave, desde a casa da máquina, até a casa de navegação.

Ali chegados, e quando deram pelo "*engate*", é que foram elas.

Não é que aqueles dois queriam atirar com a chave ao mar, pela asa da ponte?

Se não tivesse sido o outro marinheiro de quarto, aquele "*engate*" tinha dado para o torto.

O senhor Comandante estava radioso, porque esta viagem levava a bordo a sua filha, *criatura encantadora*, por todos muito querida e respeitada!

Também não podia esquecer, que era a minha primeira viagem e que tudo o que via achava engraçado, e fora do normal.

O nosso desagrado pelo "racismo branco", por parte de outros Oficiais, com a mesma formação académica, não tinha razão de existir.

Mas aquela de uns terem acesso e outros não, a algumas salas do navio, é que não estava certo. Era de facto uma grande injustiça.

Chegámos finalmente a Moçâmedes. E com a chegada, a INSPECÇÃO... ao HÉLICE...

O 2.º VELOSO comandava as operações. Vi o chegador, a carregar as garrafas de oxigénio, rumo à popa do navio, e a encostá-las à borda falsa.

O "engate" estava perfeito. O cenário muito bem montado, com assistência e tudo.

Fui ao camarote. Tirei a roupa. Abri a gaveta e tirei os calções novos, que tanto dinheiro me tinha custado.

Saí. Fechei o camarote à chave, e guardei-a no bolso dos calções.

No limiar da porta do camarote, o 1.º LEMOS, perguntava-me se a digestão estava feita.

Eu respondi que sim, pois até tinha comido pouco por causa disso.

O 1.º disse, então vão. Depois digam-me o resultado da inspecção.

E nós lá fomos. Aliás *eu lá fui*, porque o 2.º ficou no corredor, de joelho no chão, a apertar os atacadores?? dos sapatos.

O 2.º ficou a apertar os atacadores dos sapatos e eu , uns metros adiante e zás...

Uma "banhada" de gasóleo, serradura e leite condensado à mistura, cabeça abaixo.

Fiquei para morrer.

Quem foi o filho da mãe, que me fez isto?

Olhei para todo o lado e nada.

O guindasteiro parou a lingada no ar e riu que nem um perdido. Fiquei cheio de raiva. Tive vontade de trepar ao guindaste e "malhar" nele.

Dei uma volta em redor do hospital. Trepei ao castelo deste, e vi o RUI da Figueira, a rir igualmente que nem um perdido.

Pensei que tivesse sido ele. Tive vontade de "*Saltar*".

Não estava certo, um TRANCA, ***praxar*** outro TRANCA.

O RODA vem em seu auxílio, dizendo que não tinha sido ele. Desci. Estava numa "*boa figura*".

Eu entretanto acalmei. O 2.º VELOSO veio colocar água na "*fervura*".

Vou para debaixo do chuveiro. O VELOSO dá uma ajuda, e lamenta que me tenham dado uma "*banhada*", e logo desta. E mais. No momento que estávamos a preparar tão "*importante*" trabalho".

O "*engate*" continuava. Era só tempo de tirar a "*maior*", porque a inspecção tinha que ser feita.

Refeito. Aí ia eu, para a segunda parte.

Só não fui, porque entretanto a esposa do senhor 1.º LEMOS, a Senhora D^a ADELAIDE, ***não deixou***.

Não façam mal ao moço. Disse a Senhora.

Ainda hoje estou por saber quem me deu a "*baldaça* de gasóleo e serradura".

A INSPECÇÃO ... AO HÉLICE... Estava concluída.

Isto é um conto. Ou seja, é uma narração, muita verdade, pouca invenção.